

Mudanças superam o descrédito

O presidente José Sarney, com o Plano de Inflação Zero, superou rejeições políticas que encontrou logo depois de assumir. Em abril do ano passado, o 2º-secretário da Câmara, deputado Leur Lomanto (PDS-BA), preocupado com a fragilidade do governo, pedia eleição direta imediata para presidente. "O povo", alegava, "quis Tancredo. Não quis Sarney. Por isso não sei se vai dar para esperarmos muito tempo pelas diretas para presidente".

Leur Lomanto tem hoje outra visão: "Foi um governo que assumiu com a bandeira das mudanças e herdou inúmeras dificuldades do último governo. No entanto, só conseguiu conquistar o objetivo das mudanças no fim de seu primeiro ano, com as novas medidas econômicas. Até então incorria em erros idênticos aos do governo anterior, às voltas com uma inflação com patamares jamais alcançados. Mas, agora, abre-se uma nova esperança não só no setor econômico, como também no político, por causa da Constituinte, na qual Sarney deixou sua marca, ao fixar uma data para sua realização".

Pacote de Sarney acua Brizola, o fantasma da Nova República

No momento em que decide cunhar sua marca no mandato herdado há um ano, promovendo com o pacote econômico o reencontro da Nova República com o povo, o presidente José Sarney descobre que, além do compromisso formal de manter uma Aliança Democrática que não existe mais nas ruas nem nas urnas, tem apenas uma identidade com Tancredo Neves: um fantasma. Esse fantasma se chama Leonel Brizola, que foi o maior adversário de Tancredo e é também o de Sarney.

A adesão popular ao pacote da reforma econômica cortou o lance mais ousado que, nos escombros deixados pela inflação, o governador Leonel Brizola preparava, com a pretensão de assumir a liderança da oposição ao governo da Nova República. Do camarote de Brizola, anunciava-se, no delírio do desfile das escolas de samba, a formação da Frente Progressista, que uniria o PDT aos descontentes do PMDB, ali representados pelos ex-ministros Fernando Lyra e Waldir Pires, nas eleições de novembro.

Teve tudo para dar certo até a manhã do dia 28, quando o presidente Sarney investiu o povo na missão de fiscalizar o congelamento dos preços dos supermercados, enquanto Brizola via a Frente Progressista transformar-se, com o imediato refluxo dos pemedebistas, em sonho de carnaval. O programa que o PDT levou ao ar quinta-feira passada, em cadeia nacional de televisão, mostrou Brizola na defensiva. Seus projetos foram momentaneamente arquivados, à espera de que o pacote não alcance o êxito que dele espera o Governo.

Desde que voltou do exílio, em 1979, Brizola lançou-se, primeiro através do PTB e depois do PDT, em uma luta de vida ou morte com o PMDB, pela hegemonia na representação das massas urbanas. Agitando a bandeira do socialismo, mas sem o respaldo de uma máquina partidária de âmbito nacional, Brizola fez do carisma pessoal sua principal arma.

Em maio de 1983, quando os sinais de decomposição do regime militar indicavam que a sucessão presidencial correria para o PMDB, Brizola tentou aproveitar-se do movimento que se esboçava no PDS para a prorrogação do mandato do general João Figueiredo. Em tom solene, a cúpula do PDT anunciou que apoiaria mais dois anos de Figueiredo, em troca da eleição direta para presidente da República em 1986 — quando Brizola concluiria o mandato de governador do Rio de Janeiro.

A essa altura, entretanto, nascia no PMDB, através da emenda Dante de Oliveira, o movimento **diretas** já. Quando a campanha ganhou as ruas, Brizola aderiu e apareceu nos palanques ao lado dos adversários do PMDB. A emenda foi derrotada, mas a repulsa popular à eleição indireta não deixava mais dúvida de que os militares haviam perdido o pulso da sucessão presidencial.

A candidatura Tancredo Neves surgiu na esteira das diretas, abrindo o caminho do poder ao PMDB. Antes de aderir a Tancredo, Brizola lançou a tese do mandato-tampão e propôs o nome do então vice-presidente Aureliano Chaves, que liderava a dissidência do PDS. No final de 1984, a eleição de Tancredo, que só ocorreria a 15 de janeiro do ano seguinte, era um fato consumado.

À margem da Aliança Democrática, formada pelo PMDB e os ex-pedessistas fundadores do PFL, Brizola começou a fustigar Tancredo, cobrando o compromisso com as diretas. Para governador do Rio de Janeiro, a Aliança não passava de

um "convênio de oligarquias", diante do qual o PDT, apesar do compromisso de votar em Tancredo no Colégio Eleitoral, manteria posição de independência crítica. Na véspera da eleição, Tancredo reuniu os governadores que o apoiaram num almoço em Brasília. Sentou-se à mesa entre o deputado Ulysses Guimarães e o candidato a vice-presidente José Sarney. O quarto lugar de honra, ao lado de Sarney, foi reservado a Brizola.

A tentativa de aplacar o governador por pouco não acabou em crise: Brizola saiu do almoço dizendo-se decepcionado com Sarney, que repelira suas tentativas de levar a conversa para a política, e anunciou que a bancada do PDT, na hora da votação, faria ressalva ao candidato a vice-presidente. "O que foi que eu fiz?", indagou, perplexo, Sarney ao então líder do PDT na Câmara, deputado Bocayuva Cunha, quando o encontrou à noite, em uma recepção. Foi necessária uma madrugada inteira de conversas para demover Brizola.

No dia 13 de março do ano passado, antevéspera da data da posse, Tancredo concedeu sua última entrevista coletiva, já sentindo as dores da infecção abdominal que em 21 de abril o levaria à morte, sem ter assumido a Presidência. Respondendo a críticas que Brizola fizera ao ministério escolhido, Tancredo chamou o secretariado do governador de incompetente. Do Rio, Brizola anunciou que não iria à posse e acabara de devolver o convite.

Na madrugada de 15 de março, enquanto Tancredo era operado às pressas no Hospital de Base de Brasília, Brizola chegava anunciando trégua. Quando os boletins médicos informaram a melhora que não ocorria, voltou a clamar por eleições diretas.

Com a morte de Tancredo e a efetivação de Sarney na Presidência, Brizola passou para a tática de aproximação. Os ataques se dirigiram ao PMDB e PFL, acusados de estarem levando o país à repetição do Estado Novo. Sarney correspondeu com gestos nobres, como o cancelamento da visita à Escola Superior de Guerra, em desaprovação ao veto do comandante, general Euclides Figueiredo, à presença de Brizola na comitiva.

Com a presença de Sarney na inauguração do primeiro CIEP (Centro Integrado de Educação Pública), que recebeu o nome de Tancredo Neves, tinha-se a impressão de que o governador e a Nova República acertariam termos de convivência. Brizola havia engolido o sapo da eleição para prefeitos das capitais e estaria por alguns meses absorvido pela campanha.

Em setembro do ano passado, a dois meses da eleição, a inflação atingiu o índice alarmante de 14%. As urnas mostrariam o desgaste do Governo na maioria das grandes capitais, enquanto no Rio, com a eleição do prefeito Saturnino Braga, e em Porto Alegre, com a de Alceu Collares, o PDT mantinha a posição hegemônica e ampliava o raio de ação de Brizola.

Terminada a contagem dos votos, Brizola anunciou que no dia 16 de novembro daria início a nova campanha pelas diretas, aliado ao PT. O projeto morreu com a declaração do presidente nacional do PT, Lula, feita na intimidade de uma reunião do partido: "Para ser presidente, o Brizola pisaria no pescoço da mãe."

O namoro com a esquerda do PMDB foi o passo seguinte e surgiu no início do ano, quando a inflação parecia ter fugido ao controle do Governo. Dentro do PDT, preparava-se uma reunião do diretório nacional que fixaria a linha de ação do partido. Na véspera do pacote, Brizola pretendia convocar os pedetistas para a retomada da campanha das diretas.

Arquivo, 3/3/86 — Foto de Wilson Pedrosa



Sarney herdou de Tancredo, além do mandato, a incômoda oposição de Leonel Brizola